



Série  
**Memórias do Espiritismo**

Fotos e ilustrações da página anterior (de cima para baixo, a partir da esquerda):

Gabriel Delanne, Bezerra de Menezes, Allan Kardec, Leon Denis;

William Crookes, Alfred Russel Wallace, Alexander Aksakof, Oliver Lodge;

Yvonne do Amaral Pereira, Alfred Binet, Ernesto Bozzano, Arthur Conan Doyle;

Hercilio Maes, Caibar Schutel, Gustavo Geley, Euripedes Barsanulfo;

Victor Hugo, Charles Robert Richet, Césaire Lombroso, Pierre Gaetan Leymarie;

Andrew Jackson Davies, Camille Flammarion, Francisco Cândido Xavier, Emanuel Swedenborg.

Reconhecemos a ausência de inúmeros expoentes do espiritismo nesta galeria de imagens. Em razão do limitado espaço, escolhemos apenas algumas personalidades ilustres para representar todos aqueles que gostaríamos de homenagear.

Depois da Morte

© 2023 — Conhecimento Editorial Ltda

## Depois da Morte

Léon Denis

Todos os direitos desta edição  
reservados à

CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.  
Rua Prof. Paulo Chaves, 276 – Vila Teixeira  
Marques CEP 13485-150 — Limeira — SP  
Fone/Fax: 19 3451-5440  
www.edconhecimento.com.br  
vendas@edconhecimento.com.br

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio — eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação — sem permissão, por escrito, do editor.

Tradução: Mariléa de Castro  
Ilustração da Capa: Banco de imagens  
Projeto Gráfico: Sérgio Carvalho

ISBN 978-65-5727-147-6 — 1ª Edição – 2023

• Impresso no Brasil • *Presita en Brazilo*

Produzido no departamento editorial da  
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA



a gráfica digital da **EDITORA DO CONHECIMENTO**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Angélica Ilacqua CRB-8 / 7057)

Denis, Léon (1846-1927)  
Depois da Morte / Léon Denis tradução de Mariléa  
de Castro – Limeira, SP: Editora do Conhecimento,  
2023.  
254 p.

ISBN: 978-65-5727-147-6-

1. Espiritismo - Doutrina 2. Vida eterna I. Título II.  
Castro, Mariléa de III. Série

23-2263

CDD – 133.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Espiritismo

Léon Denis

# Depois da Morte

Tradução  
Mariléa de Castro

1ª edição  
2023



Obras de Léon Denis  
editadas pela Editora do Conhecimento

- O Problema do Ser e do Destino – 2011
  - O Mundo Invisível e a Guerra – 2014
- O Gênio Celta e o Mundo Invisível – 2015
  - Socialismo e Espiritismo – 2021
- Síntese espiritualista doutrinal e prática – 2021
  - Por que a Vida? – 2022
  - Cristianismo e Espiritismo – 2022
- A Sabedoria Oculta e o Espiritismo – 2022
  - Depois da Morte – 2023

Todos os ensinamentos religiosos do passado se relacionam, e uma única e mesma doutrina se encontra na base deles, doutrina transmitida através das idades por uma longa série de sábios e pensadores.

Existe uma grande corrente espiritual que se desdobra nas profundezas da história. Parece provir desse mundo invisível que nos rege, nos envolve, e onde vivem e atuam ainda os grandes Espíritos que têm servido de guias à humanidade e nunca cessaram de se comunicar com ela.

Léon Denis



## Sumário

|                  |    |
|------------------|----|
| Introdução ..... | 11 |
|------------------|----|

### 1ª PARTE – CRENÇAS E NEGAÇÕES

|                                          |    |
|------------------------------------------|----|
| 1. As religiões. A doutrina secreta..... | 17 |
| 2. A Índia.....                          | 24 |
| 3. O Egito.....                          | 33 |
| 4. A Grécia.....                         | 38 |
| 5. A Gália.....                          | 45 |
| 6. O Cristianismo .....                  | 52 |
| 7. Materialismo e positivismo.....       | 67 |
| 8. A crise moral.....                    | 75 |

### 2ª PARTE – OS GRANDES PROBLEMAS

|                                         |     |
|-----------------------------------------|-----|
| 9. O Universo e Deus.....               | 85  |
| 10. A alma imortal .....                | 98  |
| 11. A pluralidade das existências ..... | 101 |
| 12. O objetivo da vida .....            | 105 |
| 13. As provas e a morte .....           | 108 |
| 14. Objeções.....                       | 111 |

### 3ª PARTE – O MUNDO INVISÍVEL

|                                                        |     |
|--------------------------------------------------------|-----|
| 15. A natureza e a ciência.....                        | 117 |
| 16. Matéria e força. O princípio único das coisas..... | 119 |
| 17. Os fluidos, o magnetismo .....                     | 120 |
| 18. Fenômenos espíritas .....                          | 123 |
| 19. Testemunhos científicos .....                      | 125 |
| 20. O espiritismo na França.....                       | 133 |
| 21. O perispírito ou corpo fluidico.....               | 138 |
| 22. Os médiuns .....                                   | 141 |
| 23. A evolução anímica e perispiritual .....           | 145 |
| 24. Consequências filosóficas e morais .....           | 146 |
| 25. O espiritismo e a ciência.....                     | 148 |
| 26. Perigos do espiritismo.....                        | 149 |
| 27. Charlatanismo e venalidade.....                    | 152 |
| 28. Utilidade dos estudos psicológicos.....            | 154 |

#### 4ª PARTE – O ALÉM-TÚMULO

|                                                           |     |
|-----------------------------------------------------------|-----|
| 29. Conhece-te a ti mesmo! .....                          | 159 |
| 30. A hora derradeira .....                               | 160 |
| 31. O julgamento .....                                    | 163 |
| 32. A vontade e os fluidos .....                          | 165 |
| 33. A vida no espaço .....                                | 170 |
| 34. A erraticidade .....                                  | 172 |
| 35. A vida superior .....                                 | 173 |
| 36. Os espíritos inferiores .....                         | 181 |
| 37. O inferno e os demônios .....                         | 185 |
| 38. Ação das criaturas sobre os espíritos infelizes... .. | 186 |
| 39. Justiça, solidariedade, responsabilidade .....        | 188 |
| 40. Livre arbítrio e providência .....                    | 191 |
| 41. Reencarnação.....                                     | 194 |

#### 5ª PARTE – O CAMINHO RETO

|                                            |     |
|--------------------------------------------|-----|
| 42. A vida moral.....                      | 199 |
| 43. O dever .....                          | 201 |
| 44. Fé, esperança, consolações .....       | 204 |
| 45. O orgulho. Riqueza e pobreza. ....     | 207 |
| 46. O egoísmo .....                        | 211 |
| 47. A caridade .....                       | 215 |
| 48. Mansidão, paciência, bondade .....     | 219 |
| 49. O amor .....                           | 222 |
| 50. Resignação na adversidade.....         | 224 |
| 51. A prece .....                          | 231 |
| 52. Trabalho, sobriedade, continência..... | 236 |
| 53. O estudo .....                         | 240 |
| 54. A educação.....                        | 242 |
| 55. Questões sociais .....                 | 243 |
| 56. A lei moral.....                       | 247 |
| Resumo .....                               | 249 |
| Conclusão .....                            | 251 |

## Introdução

Contemplei, deitadas em suas mortalhas de pedra ou areia, as cidades famosas a antiguidade; Cartago, dos brancos promontórios; as cidades gregas da Sicília, os arredores de Roma, com seus aquedutos quebrados e seus túmulos abertos, as necrópoles que dormem um sono de vinte séculos sob a cinza do Vesúvio. Contemplei os últimos vestígios de cidades antigas, outrora formigueiros humanos, hoje ruínas desertas que o sol do Oriente calcina com suas carícias ardentes.

Evoquei as multidões que se agitaram e viveram nesses lugares; vi-as desfilar em meu pensamento, com as paixões que as consumiram, seus ódios, seus amores, suas ambições extintas, seus triunfos e reveses, fumaças que o sopro do tempo leva. E disse a mim mesmo: eis no que se tornam os grandes povos, as imensas capitais: algumas pedras amontoadas, fragmentos melancólicos, sepulturas sombreadas por vegetais esquálidos, em cujos ramos o vento da noite sopra seus queixumes. A História registrou as vicissitudes de sua existência, sua grandeza passageira e sua queda final, mas a terra tudo sepultou. Quantas outras cujo simples nome é desconhecido; quantas idades, raças e civilizações jazem para sempre sob o manto profundo das águas, na superfície de continentes desaparecidos!

E me indagava o porquê dessa agitação dos povos terrenos, o porquê dessas gerações que se sucedem como camadas de areia trazidas incessantemente pelas vagas para recobrir as precedentes; o porquê desses trabalhos, dessas lutas, desses sofrimentos, se tudo deve terminar na sepultura. Os séculos, os minutos da eternidade viram passar nações e reinos, e nada permaneceu em pé. A esfinge a tudo devorou.

Para onde vai o homem em sua trajetória? Ao nada ou a uma luz desconhecida? A natureza sorridente, eterna, emoldura com seu esplendor os destroços melancólicos dos impérios. Nela, nada morre sem renascer. Leis profundas, uma ordem imutável presidem à sua evolução. O homem, com suas obras, será o único a ter por destino o nada, o esquecimento?

A impressão produzida pelo espetáculo das cidades mortas, encontrei-a ainda mais pungente diante dos despojos frios de meus afetos, daqueles que partilharam minha vida.

Um dos seres que amais vai morrer. Debruçado sobre ele, com o coração apertado, vedes estender-se lentamente sobre sua fisionomia a sombra do além-túmulo. A chama interior lança apenas pálidas e trêmulas claridades; depois se enfraquece e por fim se extingue. E agora, de tudo que, naquela criatura, constituía a vida, o olhar que brilhava, a boca que proferia sons, os membros que se agitavam, está apagado, silencioso, inerte. Sobre esse leito funerário, só resta um cadáver! Quem não se perguntou a explicação desse mistério e, durante essa vigília lúgubre, nesse tête à tête solene com a morte, não pensou no que o aguarda também? Esse problema nos diz respeito a todos, porque todos obedeceremos à lei. Importa-nos saber se, nesse momento, tudo termina, se a morte não passa de um sombrio repouso na aniquilação ou, ao contrário, o ingresso em outra esfera de sensações.

Mas os problemas se apresentam por toda parte. Por todos os lugares, no vasto teatro do mundo, dizem pensadores, o sofrimento reina soberano, por toda parte o impulso da necessidade e da dor estimula a ronda frenética, a marcha terrível da vida e da morte. Por toda parte eleva-se o grito de angústia do ser que se precipita na senda que leva ao desconhecido. Para ele, a existência parece apenas um combate perpétuo; a glória, a riqueza, a beleza, o talento, o reinado de um só dia. A morte passa, ceifa essas flores brilhantes e deixa apenas hastes murchas. A morte é o ponto de interrogação colocado sem cessar diante de nós, a primeira das questões à qual se ligam outras inumeráveis, cujo exame constituiu a preocupação e o desespero de todas as épocas, a razão de ser de uma quantidade de sistemas filosóficos.

Apesar dessas tentativas do pensamento, a obscuridade ainda se estende sobre nós. Nossa época se agita nas trevas e no vazio, e busca, sem encontrá-lo, um remédio

para seus males. Os progressos materiais são imensos, mas no seio das riquezas acumuladas pela civilização, ainda se pode morrer de privação e de miséria. O homem não é nem mais feliz, nem melhor. Em meio a seus rudes labores, nenhum ideal elevado, nenhuma noção clara de seu destino o sustenta; daí suas falhas morais, seus excessos, suas revoltas. A fé antiga se extinguiu; o ceticismo, o materialismo tomaram seu lugar, e ao sopro deles, o fogo das paixões, dos apetites, dos desejos aumentou. As convulsões sociais nos ameaçam.

Por vezes, atormentado pelo espetáculo do mundo e a incerteza do futuro, o homem ergue os olhos para o céu e indaga pela verdade. Interroga silenciosamente a natureza e seu próprio espírito. Pede à ciência seus segredos, à religião seu entusiasmo. Mas a natureza parece muda, e as respostas do cientista e do sacerdote não satisfazem à sua razão e ao seu coração. E no entanto, existe uma solução para esses problemas, uma solução maior, mais racional, mais consoladora que todas aquelas oferecidas pelas doutrinas e filosofias atuais, e essa solução se apoia sobre as bases mais sólidas que se pode conceber: o testemunho dos sentidos e a experiência da razão.

No momento mesmo em que o materialismo chegou ao apogeu e difundiu por toda parte a ideia do nada, uma ciência, uma crença nova, apoiada sobre fatos, aparece. Ela oferece ao pensamento um refúgio onde ele encontra por fim o conhecimento das leis eternas de progresso e de justiça. Uma floração de ideias que pareciam mortas, e que apenas dormitavam, surge e anuncia uma renovação intelectual e moral. Doutrinas que constituíram a alma de civilizações passadas reaparecem sob uma forma ampliada, e inúmeros fenômenos, por muito tempo desprezados, mas cuja importância enfim alguns cientistas vislumbram, vêm trazer-lhes uma base de demonstração e de certeza. As práticas do magnetismo, do hipnotismo e da sugestão; e mais ainda, os estudos de Crookes, R. Wallace, Lodge, Aksakof, Paulo Gibier, A. de Rochas, Myers, Lombroso etc. sobre fatos de natureza psíquica, oferecem novos dados para a solução do grande problema. Abrem-se perspectivas, formas de existência se revelam onde não se pensava encontrá-las. E dessas pesquisas, desses estudos, dessas descobertas decorre uma concepção do mundo e da vida, um conhecimento de leis superiores, uma afirmação da justiça e da ordem universal, feitas para despertar no coração do homem, junto com

uma fé mais firme e esclarecida no futuro, um sentimento profundo de seus deveres, um vínculo real com seus semelhantes, capazes de transformar a face da sociedade.

É essa doutrina que oferecemos aos buscadores de todos os tipos e posições. Ela já foi divulgada em numerosas obras. Pensamos dever resumi-la nestas páginas de forma diferente, pensando naqueles que se acham cansados de viver na cegueira, desconhecendo a si mesmos, aqueles que não se satisfazem mais com as coisas de uma civilização materialista e superficial, e aspiram a outra ordem de coisas, mais elevada. É especialmente para vós, filhos e filhas do povo, trabalhadores cuja trajetória é áspera e a existência difícil, para quem o céu é mais escuro, e mais frio o vento da adversidade; é para vós que este livro foi escrito. Ele não vos traz o conhecimento total – o cérebro humano não o poderia conter – mas pode ser um degrau na direção da verdadeira luz. Provando que a vida não é uma ironia do destino, nem o resultado de um acaso insensato, mas a consequência de uma lei justa e equitativa; abrindo as perspectivas riosas do futuro, oferecerá um móvel mais nobre a vossas ações, fará brilhar um raio de esperança na noite de vossas incertezas, aliviará o fardo de vossas provas e vos ensinará a não tremer diante da morte. Abri-o com confiança, lê-de-o com atenção, pois vem de alguém que, acima de tudo, deseja o vosso bem.

Muitos dentre vós rejeitarão nossas conclusões; apenas um pequeno número as aceitará. Não importa! Não buscamos o sucesso. Um único móvel nos inspira: o respeito e o amor da verdade. Uma única ambição nos anima: desejá-íamos, quando nosso envoltório gasto retornar à terra, que nosso espírito imortal possa dizer: minha passagem aqui em baixo não foi estéril, se contribui para aliviar uma única dor, a esclarecer uma única inteligência em busca da verdade, a reconfortar uma alma vacilante e entristecida.

**1ª PARTE**  
**CRENÇAS E NEGAÇÕES**



## 1. As religiões. A doutrina secreta

Quando se lança um olhar de conjunto sobre o passado, que se evoca a lembrança das religiões desaparecidas, das crenças extintas, somos tomados por uma espécie de vertigem com a visão das veredas sinuosas percorridas pelo pensamento humano. Lenta é a sua marcha. Parece, de início, se comprazer nas criptas sombrias da Índia, nos templos subterrâneos do Egito, nas catacumbas de Roma, na penumbra das catedrais; parece preferir os lugares obscuros, a atmosfera pesada das escolas, o silêncio dos claustros, à claridade do céu, aos espaços abertos – em suma, ao estudo da natureza.

Um primeiro exame, uma comparação superficial das crenças e das superstições do passado conduz inevitavelmente à dúvida. Mas, se afastarmos o véu exterior e brilhante que ocultava do povo os grandes mistérios, e se penetrarmos no santuário da ideia religiosa, nos encontraremos diante de um fato de considerável alcance. As formas materiais, as cerimônias dos cultos tinham por objetivo tocar a imaginação do povo. Por trás desses véus, as religiões antigas aparecem sob um aspecto bem diverso; tinham uma natureza grave, elevada, ao mesmo tempo científica e filosófica. Os seus ensinamentos eram duplos: por um lado, exterior e público; de outro, interior e secreto, e neste caso, reservado somente aos iniciados. Este pôde ser reconstituído recentemente depois de pacientes estudos e numerosas descobertas epigráficas (das inscrições antigas)<sup>[1]</sup>. Depois disso, a obscuridade e a confusão que reinavam nas questões religiosas se dissiparam, e a harmonia se fez com a claridade. Tivemos a prova de que

[1] Ver Max Müller, *Essais sur l'histoire des religions*; St.Yves d'Alveydre, *La mission des juifs*; Édouard Schuré, *Os grandes iniciados*.

todos os ensinamentos religiosos do passado se relacionam, que uma única e mesma doutrina se encontra na base deles, doutrina transmitida através das idades por uma longa série de sábios e pensadores.

Todas as grandes religiões tiveram duas faces, uma aparente e outra oculta. Nesta se encontra o espírito; naquela, a forma ou a letra. Sob o símbolo material, se oculta o sentido profundo. O bramanismo na Índia, o hermetismo no Egito, o politeísmo grego, o próprio cristianismo, em sua origem, apresentam esse aspecto duplo. Julgá-los por seu aspecto exterior e vulgar é como julgar o valor moral de um homem por seus trajes. Para conhecê-los, é preciso penetrar no pensamento interno que os inspira e constitui sua razão de ser; do seio dos mitos e dos dogmas, é preciso destacar o princípio gerador que lhes empresta a força e a vida. Então se descobre a doutrina única, superior, imutável, de que as religiões humanas são apenas adaptações imperfeitas e transitórias, proporcionais às necessidades da época e do meio.

Em nossa época, se tem uma concepção do universo, uma ideia da verdade, absolutamente exteriores e materiais. A ciência moderna, em suas investigações, limitou-se a acumular o maior número de fatos, e deles extrair leis. Obteve assim resultados extraordinários; mas dessa forma, o conhecimento dos princípios superiores e das causas primárias lhe permanecerá sempre inacessível. As próprias causas secundárias lhe escapam. O território invisível da vida é mais vasto que aquele abarcado por nossos sentidos; ali reinam essas causas de que nós vemos apenas os efeitos.

A antiguidade tinha uma forma bem diferente de ver e agir. Os sábios do Oriente e da Grécia não desprezavam a observação da natureza exterior, mas é principalmente no estudo da alma, de seus poderes internos, que descobriam os princípios eternos. A alma para eles era como um livro, onde se inscreviam em caracteres misteriosos todas as realidades e todas as leis. Pela concentração de suas faculdades, pelo estudo meditativo e profundo de si mesmos, eles se elevavam até a Causa sem causa, ao Princípio de que derivam os seres e as coisas. As leis inatas da inteligência lhes explicavam a ordem e a harmonia da natureza, assim como o estudo da alma lhes oferecia a chave dos problemas da vida.

A alma, acreditavam eles, colocada entre os dois mun-

dos, o visível e o oculto, o material e o espiritual, observando e penetrando em ambos, é o instrumento supremo do conhecimento. De acordo com seu grau de adiantamento e de pureza, ele reflete com maior ou menor intensidade os raios do fogo divino. A razão e a consciência não guiam apenas nossos julgamentos e atos; são também os meios mais certos para adquirir e possuir a verdade.

Toda a existência dos iniciados era consagrada a essas pesquisas. Não se limitavam, como hoje, a formar a juventude com estudos apressados, insuficientes, mal digeridos, para as lutas e deveres da existência. Os adeptos eram escolhidos e preparados desde a infância para a trajetória que iriam seguir, depois levados gradualmente para os cimos intelectuais de onde se pode entender e julgar a vida. Os princípios da ciência secreta lhes eram transmitidos proporcionalmente ao desenvolvimento da inteligência e de suas qualidades morais. A iniciação era uma reformulação completa do caráter, um despertar de faculdades adormecidas. O adepto só participava dos grandes mistérios, isto é, da revelação das leis superiores, quando tivesse extinto em si próprio o fogo das paixões, submetido os desejos impuros, orientado os impulsos de seu ser para o Bem e o Belo. Entrava então na posse de certos poderes sobre a natureza e entrava em contato com os poderes ocultos do universo.

Os testemunhos históricos a respeito de Apolônio de Tyana e Simão o Mago, e os fatos, que se pretende miraculosos, realizados por Moisés e o Cristo, não deixam nenhuma dúvida quanto a isso. Os iniciados conheciam o segredo das forças fluídicas e magnéticas. Essa área, pouco familiar aos cientistas de hoje, a quem os fenômenos do sonambulismo e do psiquismo parecem inexplicáveis, e no meio dos quais se debatem, na impossibilidade de os conciliar com as teorias preconcebidas<sup>[2]</sup>, essa área foi explorada pela ciência oriental dos santuários, que possuía todas as suas chaves. Ali encontrava ela formas de agir incompreensíveis para o vulgo, mas de que os fenômenos do espiritismo nos oferecem facilmente a explicação. Em suas experiências fisiológicas, a ciência contemporânea penetrou nesse mundo oculto conhecido dos antigos, e regido por leis rigorosas. Até agora, ela não ousou penetrar ali abertamente; mas está próximo o dia em que a força das coisas e o exemplo dos mais audazes

---

[2] Ver *A Sugestão Mental*, Ochorowitz.

a obrigação a isso. Então, reconhecerá que não há nele nada de sobrenatural, mas ao contrário, um lado ignorado da natureza, uma manifestação de força sutis, um aspecto novo da vida que permeia o infinito.

Se do domínio dos fatos passamos ao dos princípios, precisamos de início indicar as grandes linhas da doutrina secreta. Segundo ela, a vida constitui apenas a evolução, no tempo e no espaço, do espírito, única realidade permanente. A matéria é sua expressão inferior, sua forma mutável. O Ser por excelência, fonte de todos os outros, é Deus, ao mesmo tempo triplo e uno, essência, substância e vida, em quem se resume todo o universo. Daí vem o deísmo trino que, a partir da Índia e do Egito, passou, travestido, para a doutrina cristã; e esta, dos três elementos do ser, criou pessoas. A alma humana, parcela da grande alma, é imortal. Ela progride e retorna a seu autor através de numerosas existências, alternativamente terrestres e espirituais, por um aperfeiçoamento contínuo.

Em suas encarnações físicas, ela constitui o ser humano, cuja natureza trina, corpo, perispírito e alma, é um microcosmo ou pequeno mundo, uma imagem reduzida do macrocosmo ou Grande Todo. É por isso que podemos reencontrar Deus no mais profundo de nosso ser, buscando em nós mesmos quando recolhidos, estudando e desenvolvendo nossas faculdades latentes, nossa razão e nossa consciência.

A vida universal tem duas faces: a involução, ou descida do espírito à matéria, pela criação individual, e a evolução, ou ascensão gradual pela cadeia das existências, em direção à Unidade divina.

A essa filosofia se ligava todo um conjunto de ciências: a ciência dos números ou matemática sagrada, a teogonia, a cosmogonia, a psicologia, a física. Nelas o método indutivo e o método experimental se combinavam e se equilibravam de modo a formar um conjunto esplêndido, um edifício de proporções harmônicas.

Esses ensinamentos abriam para o pensamento perspectivas capazes de causar vertigem aos espíritos mal preparados. Era reservado para os fortes. Se a visão do infinito perturba e assusta as almas débeis, fortifica e expande as corajosas. No conhecimento das leis superiores, elas encontram a fé esclarecida, a confiança no futuro, o consolo no sofrimento. Esse conhecimento é benevolente para com os fracos, para com todos os que ainda se agitam nos